

Ensinando e aprendendo um estudo sobre os alunos da cidade de Kumamoto nos Escritos de Lafcadio Hearn

Edelson Geraldo Gonçalves

Mestre e doutorando em História Social das Relações Políticas pela
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)¹

Resumo

No presente artigo analisaremos o ensaio de Lafcadio Hearn; *With Kyushu Students*; componente do livro *Out of The East: Reveries and Studies in New Japan*, do mesmo autor, publicado em 1895. Este ensaio foi escrito como uma etapa dos estudos de Lafcadio Hearn (que foi professor e pesquisador no Japão entre 1890 e 1904) sobre a cultura japonesa; um processo de pesquisa que ocupou os quatorze anos finais de sua vida; e nosso objetivo ao analisá-lo aqui consiste não apenas em constatar e interpretar suas conclusões parciais sobre os jovens que foram seu objeto de pesquisa naquele momento específico (os estudantes da cidade de Kumamoto), como também constatar ao final que tipo de testemunho o estudo do autor pode nos dar sobre o momento histórico em que foi feito, e que tipo de efeito a educação oficial estava tendo sobre a maneira dos jovens estudados verem o mundo.

Palavras-chave Lafcadio Hearn, estudantes de Kumamoto, educação.

Abstract

In this paper we will analyze the Lafcadio Hearn's essay; *With Kyushu Students*; component of the book *Out of The East: Reveries and Studies in New Japan* by the same author, published in 1895. This essay was written as a step of Lafcadio Hearn's (which was a professor and researcher in Japan between 1890 and 1904) study on the Japanese culture; a research process that held the final fourteen years of his life; and we aim to analyze it herenot only to observe and interpret their partial conclusions about the young people who were their research object at that particular moment (the students of Kumamoto city), as also seen at the end what kind of testimony the study of the author can give us about the historical moment in which it was made, and what kind of effect the official education was having on the way that the studied young people see the world.

Keywords: Lafcadio Hearn, students of Kumamoto, education.

1 Bolsista pela FAPES.

Introdução

Este artigo busca analisar um estudo de Lafcadio Hearn enquanto era professor na cidade japonesa de Kumamoto, sendo o estudo aqui abordado o ensaio *With Kyushu Students*, componente do livro *Out of The East: Reveries and Studies in New Japan*, uma coletânea de ensaios do autor publicada nos EUA em 1895 e que teve boa repercussão entre os leitores americanos e britânicos, sendo, no geral, também bem recebido pelos estudiosos da cultura japonesa.²

Esse foi o segundo livro publicado por Hearn tendo o Japão como tema (o primeiro foi *Glimpses of Unfamiliar Japan*, publicado em dois volumes em 1894), e que além do ensaio aqui estudado também trazia outros dez textos, de variados temas (como, aliás, era hábito de Hearn na organização de seus livros), contendo, por exemplo, ficção (*The Dream of a Summer Day*) relatos de viagem (*At Hakata* e *In Yokohama*) e principalmente ensaios analíticos sobre a cultura japonesa (dos quais podemos destacar além do ensaio aqui estudado, os textos que parecem ter mais chamado à atenção de seus leitores; *Of The Eternal Feminine*, *Jujutsu* e *Yuko: A Reminiscence*),³ embora de forma geral seus textos sempre tenham características ensaísticas e analíticas. Esses dois primeiros livros, assim como outros que viriam no futuro, eram componentes do projeto de Hearn de compreender e apresentar aos leitores ocidentais o “coração” do Japão, ou seja, o modo de viver e pensar dos japoneses médios, indo além dos círculos ocidentalizados da elite japonesa e dos textos carregados de exotismo que o público ocidental estava acostumado a consumir (dos quais o maior representante na época é sem dúvidas o romance *Madame Chrysanthème*, publicado pelo francês Pierre Loti em 1887).

Com a abordagem do ensaio *With Kyushu Students* buscamos tanto analisar suas conclusões parciais sobre os jovens que foram seu objeto de pesquisa naquele momento específico (os estudantes da cidade de Kumamoto), como também constatar que tipo de testemunho o estudo do autor pode nos dar sobre o momento histórico em que foi feito, e que tipo de efeito a educação oficial estava tendo sobre a maneira dos jovens estudados verem o mundo.

Além destes objetivos diretos, também julgamos este artigo relevante como um estudo sobre a obra de Lafcadio Hearn, um tema ainda pouco estudado no Brasil (onde

2 MCWILLIAMS, V. *Lafcadio Hearn*. Boston: Houghton Mifflin CO, 1946.

3 *Idem*.

apenas um título do autor foi publicado);⁴ principalmente no campo historiográfico, no qual as abordagens mais notáveis a Hearn não são feitas sequer em estudos exclusivos sobre o autor, mas sobre suas contribuições para campos mais amplos, como as influências intelectuais britânicas sobre o escritor Gilberto Freyre, nos trabalhos de Maria Lucia Pallares-Burke (o texto *Gilberto Freyre: Um Nordestino Vitoriano* e o livro *Gilberto Freyre: Um Vitoriano dos Trópicos*), e no livro sobre as percepções sobre o Japão nos escritos de viajantes (*Imagens do Japão: Uma Utopia de Viajantes*), de Celina Kuniyoshi. O único estudo exclusivo sobre Hearn na academia brasileira é até o momento uma dissertação no campo de estudos literários (campo aliás no qual se concentram os estudos sobre Hearn no exterior), escrita por Nivea Oura Martins e intitulada *Kaidan – Narrativas do Sobrenatural: Um estudo a partir da obra Kwaidan de Lafcadio Hearn*.

Tornando-se um Professor

Lafcadio Hearn (1850-1904) nasceu na ilha grega de Levkas, na região da Jônia; que estava então sob o domínio britânico. Seu pai foi o cirurgião do exército britânico Charles Bush Hearn (1818-1866); um irlandês para lá enviado juntamente com seu regimento em 1849 para conter as revoltas liberais ali iniciadas em 1848⁵ (uma das revoltas da Primavera dos Povos) pelos autodenominados “rebeldes constitucionais”;⁶ e sua mãe foi Rosa Antonio Cassimati (1823-1882), a grega com a qual Charles Bush foi casado enquanto lá esteve.

Com o fim do trabalho de Charles Bush na Grécia em 1851, ele levou sua família para Dublin, e logo partiu definitivamente para outras missões militares; mas falece vitimado pela febre amarela em 1866, quando voltava para casa.⁷ Nesse meio tempo Lafcadio teve uma infância traumática, sendo abandonado pela mãe e deixado aos cuidados de uma tia fanaticamente católica, que fez tudo ao seu alcance para torná-lo um padre jesuíta, internando-o em colégios dessa ordem na Inglaterra e na França entre os anos de 1862 e 1869.⁸

4 O livro em questão é *Kwaidan: Stories and Studies of Strange Things*, provavelmente seu livro de maior sucesso, publicado originalmente em 1904, e sendo publicado no Brasil primeiramente com o título *Kwaidan: Assombrações*, em 2007 pela editora Claridade, e publicado também em 2014, em formato digital, pela editora NSP com o título *Kwaidan: Contos do Sobrenatural*.

5 KENNARD, N. H. *Lafcadio Hearn*. Nova York: D. Appleton and Company, 1912.

6 KOLIOPOULOS, J. S.; VEREMIS, T. M. *Modern Greece: a history since 1821*. Chichester: Wiley-Blackwell, 2010.

7 MCWILLIAMS, V. *Op. cit.*

8 KENNARD, N. H. *Op. cit.*

Em 1869 Lafcadio Hearn partiu para os Estados Unidos, onde se destacou como jornalista, tradutor de literatura francesa e contista. Na América publicou os livros; *Gombo Zhèbes: Little Dictionary of Creole Proverbs in Six Dialects* (1885), *La Cuisine Créole* (1885) e *Chita: A Memory of Last Island* (1888); *Two Years in the French West Indies* (1890) e *Youma: The Story of a West-Indian Slave* (1890).⁹ Em seus livros e artigos jornalísticos Hearn teceu suas conclusões sobre as populações imigrantes, negras, e mestiças,¹⁰ destacando-se a refutação de teses que atribuíam aos negros e mestiços o status de racialmente inferiores, traduzindo seus problemas (físicos e sociais) como heranças da escravidão, ao invés de traços étnicos, em um posicionamento que inclusive, influenciou profundamente o pensamento do escritor brasileiro Gilberto Freyre.¹¹

Por seu excelente trabalho como correspondente nas Índias Ocidentais Francesas entre 1887 e 1889 (onde escreveu os artigos que comporiam o livro *Two Years in the French West Indies*), Hearn foi designado pela revista nova-iorquina *Harper's Magazine* para trabalhar como correspondente estrangeiro no Império do Japão, que acabava de ganhar sua primeira constituição em 1890.¹²

Chegando ao Japão; por desentendimentos envolvendo seu regime de trabalho e o valor de sua remuneração; Hearn rompe o contrato com a *Harper's*, e após ficar temporariamente desempregado e sem teto, por uma carta de recomendação de seu ex-editor na *Harper's*, Henry Mills Alden (1836-1919), Hearn é apresentado a Basil Hall Chamberlain (1859-1935), professor de língua japonesa e filologia na Universidade Imperial de Tóquio, e este consegue a Hearn seus primeiros empregos como professor no Japão; para ensinar inglês em duas escolas, uma de ensino médio, e uma normal (preparatória de professores para o primário) na cidade de Matsue.¹³

Após um ano de trabalho nas escolas de Matsue, Hearn tem uma desagradável experiência com o inverno daquela região,¹⁴ pois sendo adepto de climas quentes (provavelmente influenciando a opinião de Gilberto Freyre sobre a viabilidade de se cultivar uma vida intelectual nos trópicos),¹⁵ sofreu muito, inclusive com problemas de saúde devido ao frio, chegando a confessar em uma carta enviada a Chamberlain (que se tornara um de seus

9 BRONNER, S. J. "Introduction: Lafcadio Hearn's America". In: BRONNER, S. J. *Lafcadio Hearn's America: ethnographic sketches and editorials*. Lexington: The University Press of Kentucky, 2002.

10 *Idem*.

11 PALLARES-BURKE, M. L. G. *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*. São Paulo: UNESP, 2005.

12 KENNARD, N. H. *Op. cit.*

13 MCWILLIAMS, V. *Op. cit.*

14 *Idem*.

15 PALLARES-BURKE, M. L. G. "Gilberto Freyre: um nordestino vitoriano". In: KOSMINSKY, E. V.; LÉPINE, C.; PEIXOTO, F. A. *Gilberto Freyre em quatro tempos*. Bauri: EDUSC, 2003.

principais amigos no Japão): “Temo que mais alguns desses invernos me colocarão debaixo do chão”.¹⁶ Assim, mais uma vez com a ajuda do filólogo de Tóquio, Hearn consegue um novo emprego, dessa vez como professor no Colégio de Kumamoto¹⁷ (no momento um dos principais do Japão),¹⁸ cidade localizada na ilha de Kyushu, no sul do arquipélago japonês, uma localidade que não tinha o clima como o dos trópicos, tão amados por Hearn, mas também não lhe importaria um inverno rigoroso.¹⁹

Dessa forma a vida nômade de Hearn o trouxe ao momento de sua vida que compõe o recorte desse texto.

O Colégio de Kumamoto

Quando Hearn chegou ao Japão na década de 1890, o país começava a estabilizar o seu modelo político. A nação vinha se modernizando rapidamente desde a Restauração Meiji de 1868, que pôs fim ao antigo shogunato e trouxe o Imperador de volta ao poder, sendo que tal mudança foi feita no ímpeto de modernizar o Japão e evitar que este se transformasse em uma colônia,²⁰ como vinha ocorrendo com a China no mesmo período.

Para levar à frente a modernização o governo Meiji decidiu ter a educação como um dos focos de seus investimentos, fazendo todos os esforços ao alcance para construir boas estruturas educacionais, ter professores de boa qualidade; através da formação de novos professores por métodos modernos nas novas escolas normais, ou pela contratação de professores estrangeiros; e pelo envio de estudantes ao exterior.²¹

O projeto político do período Meiji (1868-1912) pode ser dividido em duas fases: uma primeira fase concentrada na ocidentalização dos costumes, e a segunda fase iniciada por volta do início da década de 1890, em que o governo se voltou para a valorização das tradições japonesas e para o cultivo do nacionalismo.²² Essas duas fases tiveram lugar em razão da

16 HEARN, L. “To Basil Hall Chamberlain: Matsue, january, 1891”. In: BISLAND, E. *Life and letters of Lafcadio Hearn*. Boston: Houghton Mifflin and Company, 1906. v.2, p. 25.

17 MCWILLIAMS, V. *Op.cit.*

18 LINCICOME, M. E. *Principle, praxis, and the politics of educational reform in Meiji Japan*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 1995.

19 HEARN, L. “To Ellwood Hendrick: Matsue, october, 1891”. In: BISLAND, E. *Life and letters of Lafcadio Hearn*. Boston: Houghton Mifflin and Company, 1906. v.2

20 GORDON, A. *A modern history of Japan: from Tokugawa times to the present*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

21 DUKE, B. *The history of modern Japanese education: constructing the national school system, 1872-1890*. Nova Jersey: Rutgers University Press, 2009.

22 GLUCK, C. “Japan’s modernities”. In: EMBREE, A. T.; GLUCK, C. *Asia in Western and world history*. Nova York: ME Sharpe, 1997.

concepção inicial do governo Meiji do que seria modernização, neste caso um entendimento semelhante ao da definição de Kumar,²³ na qual mais do que a mera industrialização, modernidade é “uma designação abrangente de todas as mudanças – intelectuais, sociais e políticas – que criaram o mundo moderno”, e na visão dos primeiros governantes Meiji, nessas mudanças o Japão deveria acompanhar o ocidente, banindo os “velhos e maus hábitos”, ou seja, a tradição cultural japonesa.²⁴

Contudo, com o passar do tempo as elites políticas e intelectuais do novo Japão adquiriram conhecimentos mais sofisticados sobre o mundo ocidental, compreendendo principalmente as disparidades entre seus discursos e suas práticas, algo que se tornou evidente ao longo da década de 1880, com o recrudescimento das ações de alguns países ocidentais em suas colônias na Ásia e na África, fazendo assim com que os japoneses duvidassem das intenções benignas e civilizadoras que o ocidente dizia ter nessas regiões;²⁵ assim como da possibilidade de os japoneses como “não brancos” virem um dia a serem tratados como iguais pelas potências do ocidente.²⁶ Dessa maneira durante a década de 1880 o governo, os intelectuais e a opinião pública inclinaram-se a dar um fim ao projeto de ocidentalização dos costumes, e a valorizar as tradições, hábitos e *ethos* próprios dos japoneses.²⁷

Foi em meio a esse cenário que se moldou o projeto nacional da educação japonesa, no início da Era Meiji voltado para a ocidentalização dos costumes e principalmente o cultivo do individualismo e da independência pessoal, metas substituídas em 1890 pela valorização das tradições e pelo cultivo da reverência ao Imperador, do nacionalismo e das cinco virtudes confucionistas (benevolência, justiça, probidade, sabedoria e lealdade).²⁸

Tal exortação ficou explícita no documento oficial que ditou os rumos da educação japonesa desde então, o “Rescrito Imperial para Educação”, no qual o Imperador teria deixado essas palavras:

Sabei, súbditos Nossos,

Os nossos Antepassados Imperiais fundaram o Nosso Império numa base ampla e duradoura e nele implantaram fundo e firmemente a virtude; os Nossos súbditos, sempre unidos na lealdade e na devoção filial, ilustraram, de geração em geração, a sua beleza. Esta é a glória do caráter fundamental

23 KUMAR, K.. *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 79.

24 SANSOM, G. *The Western world and Japan: a study in the interaction of European and Asiatic cultures*. Nova York: Alfred A. Knopf, 1951.

25 OGUMA, E. *Genealogy of Japanese self-images*. Melbourne: Trans Pacific Press, 2002.

26 SANSOM, G. *Op. cit.*

27 *Idem.*

28 DUKE, B. *Op. cit.*

do Nosso Império e também aqui reside a fonte da Nossa educação. Vós, Nossos súbditos, sede filiais com os vossos pais, afectuosos com os vossos irmãos e irmãs; como maridos e mulheres, sede harmoniosos, como verdadeiros amigos; comportai-vos com modéstia e moderação; espalhai por todos a vossa benevolência; continuai a aprender e cultivai as artes e, desse modo, desenvolvei as vossas faculdades intelectuais e aperfeiçoi as vossas capacidades morais; para além disso, promovei o bem público e os interesses comuns; respeitai sempre a constituição e observai as leis; em caso de emergência, oferecei-vos corajosamente ao Estado; e, assim, guardai e mantede a prosperidade do Nosso Trono Imperial, tão antigo quanto o céu e a terra. Assim, não sereis apenas Nossos bons e fiéis súbditos, mas tornareis ilustres as melhores tradições dos vossos antepassados. O caminho que aqui se delinea é, de facto, o ensino legado pelos Nossos Antepassados Imperiais para ser observado pelos Seus Descendentes, quer pelos súbditos, infalível em todas as épocas e verdadeiro em todos os lugares. É Nosso desejo assumirmos reverentemente, em conjunto convosco, Nossos súbditos, o objectivo de alcançarmos todos a mesma virtude.²⁹

Esta era a orientação das escolas nas quais Hearn lecionou, e o Colégio de Kumamoto mais notoriamente tinha um especial comprometimento com tais metas.

A natureza do Colégio de Kumamoto (ou mais especificamente *Dai-go Koto Gakko*, ou “Quinta Escola Avançada”) pode ser melhor entendida se levarmos em consideração a cidade em que se localizava; uma localidade que durante o período do shogunato fora uma cidade-castelo (centro militar) e na Era Meiji continuou com sua vocação marcial, sendo uma cidade guarnição “infestada de soldados”³⁰ como escreveu Hearn.

Quando Lafcadio Hearn chegou à cidade, o que ele encontrou foi um ambiente austero, que havia sido um dos palcos do maior conflito interno da Era Meiji, a Revolta de Satsuma, ou Guerra Seinan, em 1877, e dessa maneira a cidade tinha construções novas, erguidas assim que “mal cessara a fumaça do solo”, sem locais marcantes para visitar, sem divertimentos ou curiosidades.³¹ Cabe também destacar que a cidade ficava em uma região (Kyushu) que foi uma das que mais rapidamente abraçou a modernização técnica, mas que resistiu fortemente à ocidentalização dos costumes,³² dessa forma, como definiu Hearn, Kyushu permanecia “a parte mais conservadora do Japão, e Kumamoto, sua principal cidade, era o centro desse sentimento conservador”.³³ Hearn ainda nos informa que essa austeridade

29 HENSHALL, K. *História do Japão*. Lisboa: Edições 70, 2008. p. 120-121.

30 HEARN, L. “To Sentaro Nishida: Kumamoto, 1891”. In: BISLAND, E. *Life and letters of Lafcadio Hearn*. Boston: Houghton Mifflin and Company, 1906. v.2, p. 66.

31 HEARN, L. *Out of the east: reveries and studies in new Japan*. Boston: Houghton Mifflin and Company, 1895. p. 30.

32 *Idem*.

33 HEARN, L. *Out of The East: Reveries and Studies in New Japan*. Boston: Houghton Mifflin and Company, 1895. p. 29.

da vida em Kumamoto era uma das características principais do que era chamado de “espírito de Kyushu”, uma disposição ao apego às tradições e à frugalidade,³⁴ que contrastava com o individualismo e materialismo difundidos a mais de duas décadas pelos modernizadores ocidentalizantes.

Esse “espírito de Kyushu” não apenas envolvia os habitantes locais, mas também seduzia indivíduos de inclinações conservadoras em outras partes do país; como a amplamente ocidentalizada Tóquio; que enviavam seus filhos para fazer seus estudos em Kumamoto, para serem forjados nesse espírito.³⁵

Sobre a estrutura do colégio (uma construção enorme, que segundo o autor o lembrava “à primeira vista a Universidade Imperial de Tóquio”)³⁶ Hearn nos deixa as seguintes palavras:

Não há sino. As aulas são iniciadas e terminadas pelo som de uma corneta. Há dez minutos para descanso entre as horas-aula, mas os prédios são tão amplos que leva 10 minutos para chegar à sala dos professores, que fica em um prédio separado. Dois dos professores falam francês, e seis ou sete falam Inglês: existem 28 professores. Os alunos são muito agradáveis, e nos tornamos bons amigos rapidamente. Existem três séries, correspondendo com as três séries mais avançadas do Jinjo Chugakko [ensino médio], e duas séries superiores. Atualmente eu não ensino aos sábados. Não há fogões, somente *hibachi* [brazeiros] . A biblioteca é pequena, e os livros de inglês não são bons; mas este ano eles estão procurando obter melhores livros, e ampliar a biblioteca. Há um edifício em que *ju-jutsu* é ensinado pelo Sr. Kano; e edifícios separados para dormir, comer e tomar banho. A sala de banho é uma surpresa. Trinta ou quarenta alunos podem tomar banho ao mesmo tempo; e quatrocentos podem comer de uma só vez em um grande refeitório. Há também um prédio separado para o ensino de química, história natural, etc.; e há também um pequeno museu.³⁷

Sobre o corpo docente, ao qual se refere brevemente no relato acima (28 professores), Hearn ainda nos dá alguns detalhes pontuais sobre alguns indivíduos:

O Sr. Kano foi muito modesto quando disse que há outros professores [no colégio] que falam inglês melhor que ele. Não há. Ele fala e escreve em inglês melhor que qualquer japonês que eu conheço. De qualquer forma, há aqui um Sr. Sakuma, de Kyoto, que tem um raro conhecimento do inglês *literário*: ele lê muito, tem uma boa biblioteca e fez um estudo especial sobre o inglês antigo e medieval. Ele ensina literatura (inglesa), gramática e etc. O Sr. Ozawa [...] é o segundo professor de inglês: Eu gosto dele, é o que tem a melhor personalidade. Ele tem boa consideração pelos outros [...]

34 HEARN, L. *Op. cit.* , 1895. p. 31.

35 *Idem.*

36 HEARN, L. “To Masanobu Otani: Kumamoto, november, 1891”. In: BISLAND, E. *Life and letters of Lafcadio Hearn* . Boston: Houghton Mifflin and Company, 1906. v.2, p. 70.

37 *Ibidem*, p. 70-71.

o que não é uma característica comum aos homens de qualquer lugar. Ele fala francês. O diretor, Sr. Sakurai, um homem jovem e muito silencioso, também fala francês. Quase todos os professores falam inglês, — exceto o encantador velho professor de chinês, que tem uma longa barba e a cabeça como a de Sócrates. Eu gostei dele à primeira vista, — assim como gostei do Sr. Katayama à primeira vista.³⁸

Nesse ponto, há uma pequena contradição em relação ao relato exposto anteriormente; que dizia que seis ou sete professores falavam inglês, e depois é dito que quase todos (de 28) falavam; e sobre isso devemos esclarecer que as cartas que originaram tais testemunhos aparecem aqui em ordem cronológica invertida, para melhor organizar a exposição geral do texto, dessa forma o que provavelmente ocorreu é que Hearn deve ter tido a primeira impressão de que quase todos os professores falavam inglês, para depois dar-se conta que eram apenas seis ou sete. Fora isso, dos professores que Hearn identificou pelo nome e função, dois foram ainda melhor detalhados e merecem destaque. O primeiro é o “Sr. Kano”, que é citado nos dois relatos, primeiro em sua função como instrutor de *ju-jitsu*, e depois por seu notável domínio da língua inglesa. Esse Sr. Kano é nada menos que Kano Jigoro (1860-1938), ex-ministro da educação, diplomado em economia, política e filosofia,³⁹ que viria a ser representante ativo do Japão no Comitê Olímpico Internacional (COI) a partir de 1909, e um grande entusiasta dos esportes modernos, sendo inclusive o idealizador do judô, uma adaptação do *ju-jitsu* tradicional, mas voltada para fins esportivos ao invés de militares (como era o ensino do professor Kano no Colégio de Kumamoto).⁴⁰ O outro é “o velho professor de chinês”, que se chamava Akizuki (Hearn não informa seu primeiro nome), que tinha 63 anos e fora no passado um samurai de renome do Domínio de Aizu,⁴¹ que lutou pelo shogunato contra a Restauração Meiji; professor esse que causou uma forte impressão em Hearn (que afirmou imaginar se “há algo no aprendizado do chinês que torna os homens amigáveis”)⁴² certamente por lembrá-lo de um de seus colegas em Matsue, o “Sr. Katayama”, ou mais propriamente Katayama Shokei; ao qual comparou em sua primeira impressão; um velho professor de chinês “famoso como poeta, adorado como instrutor” e amado por todos os seus estudantes “como um pai”.⁴³

38 HEARN, L. “To Sentaro Nishida: Kumamoto, 1891”. In: BISLAND, E. *Life and letters of Lafcadio Hearn*. Boston: Houghton Mifflin and Company, 1906. v.2, p. 66.

39 GUTTMAN, A.; THOMPSON, L. *Japanese sports: a history*. Honolulu: University of Hawai’i Press, 2001.

40 SHUN, I. “The invention of the martial arts: Kano Jigoro and Kodokan Judo”. In: VLASTOS, S. *Mirror of modernity: invented traditions of Modern Japan*. Berkeley: University of California Press, 1998.

41 HEARN, L. *Op. cit.*, 1906. v.2.

42 *Ibidem*, p. 67.

43 HEARN, L. *Glimpses of unfamiliar Japan*. Boston: Houghton Mifflin and Company, 1894. v.2. p. 488.

Os estudantes de Kumamoto por sua vez, são primeiramente descritos por Hearn da seguinte forma: “A maior parte dos estudantes vivem na escola. Eles têm um belo uniforme militar; mas eles não o usam, — alguns vestem roupas japonesas, e os regulamentos sobre a vestimenta (exceto nas horas de exercícios, etc.) não são muito rígidos”.⁴⁴ Hearn também afirmava não ver diferença entre esses garotos e os de Matsue, “eles são gentis, polidos, fortes e ansiosos”.⁴⁵ Como o restante dos habitantes de Kumamoto esses estudantes tinham poucas distrações ao seu redor,⁴⁶ e segundo Hearn “era dito que eram os mais peculiares estudantes do Império”⁴⁷ em função do espírito de Kyushu,⁴⁸ sobre o qual Hearn afirma: “Eu nunca serei capaz de aprender o suficiente sobre ele para defini-lo bem; mas é evidentemente algo relacionado ao comportamento dos antigos samurais de Kyushu”.⁴⁹ Por fim, sobre a relação que tinha com esses alunos Hearn nos informa:

Os professores nativos são *de facto* oficiais do governo, não se afiguram em relações próximas com seus pupilos: não há traço daquela afetiva familiaridade que vi em Izumo [Matsue]; a relação entre instrutores e instruídos me parece começar e terminar com o tocar da corneta pelo qual as turmas são chamadas e dispensadas.⁵⁰

Aprendendo com os Estudantes de Kumamoto

Quando abandonou seu trabalho na *Harper's Magazine*, o que encorajou Hearn a permanecer no Japão foi a ambição de estudar a cultura japonesa e compreender o “coração” do povo japonês.⁵¹ Para isso Hearn concentrou-se não apenas em estudar as obras dos maiores especialistas sobre o assunto naquele momento, como também em entrar em contato direto com o povo japonês, privilegiando não os intelectuais e ocidentalizados; mas o povo comum; fosse na cidade ou no campo,⁵² e em meio a esse estudo Hearn usou também seus alunos de Kumamoto como objetos de reflexão.

Enquanto ensinava a seus alunos sobre a língua e a literatura inglesas, Hearn procurou compreender neles, entre outras coisas, principalmente os valores morais que

44 HEARN, L. *Op. cit.*, 1906. v.2, p. 70.

45 HEARN, L. *Op. cit.*, 1906. v.2, p. 79.

46 HEARN, L. *Op. cit.*, 1895.

47 *Ibidem*, p. 31.

48 *Idem*.

49 *Ibidem*, p. 31.

50 *Ibidem*, p. 33.

51 HEARN, L. *Kokoro: hints and echoes of Japanese inner life*. Londres: Gay and Hancock, 1910.

52 HEARN, L. *Glimpses of unfamiliar Japan*. Boston: Houghton Mifflin and Company, 1894. v.1.

possuíam, abordando esse problema de duas maneiras, a primeira por perguntas diretas; mas não feitas de maneira explícita e sim colocadas como temas de redação.⁵³ A outra forma de abordagem utilizada por Hearn é o que podemos considerar como antropológica, ou seja, “fundamentalmente comparativa”,⁵⁴ ao se utilizar de narrativas ocidentais clássicas e modernas, carregadas de valores ocidentais, perguntando após a exposição dessas histórias as opiniões dos alunos sobre elas, para assim descobrir como se relacionariam com os temas morais nelas contidos.⁵⁵

Em sua primeira abordagem, Hearn relata o uso de três questões: a primeira foi “Do que os homens se lembram por mais tempo?”,⁵⁶ a segunda estava colocada como uma proposta de tema, “Meu primeiro dia na escola”,⁵⁷ da qual podemos subtender a pergunta “Como foi seu primeiro dia na escola?”, e a terceira foi “O que é eterno na literatura?”,⁵⁸ O autor também informa que outras perguntas dentro de temas de redação foram propostas, mas não informa quantas ou quais foram.⁵⁹

As respostas listadas por Hearn foram muitas e de natureza variada, e delas por questão de espaço e relevância para o presente artigo, selecionaremos apenas as que parecem mais instrutivas.

Para a primeira questão destacaremos a resposta que o próprio Hearn apontou como aquela que mais lhe chamou a atenção, por razões que ele mesmo nos informa:

Um estudante respondeu que nos lembramos de nossos momentos mais felizes mais do que nos lembramos de outras experiências, porque está na natureza de todo ser racional tentar esquecer o que é desagradável ou doloroso o tão breve quanto for possível. Eu recebi várias respostas ainda mais engenhosas, — algumas das quais dão prova de um estudo psicológico realmente perspicaz da questão. Mas de todas, a que eu mais gostei foi a simples resposta de um [aluno] que pensava que os momentos dolorosos eram lembrados por mais tempo. Ele escreveu exatamente como segue: Penso que não foi necessário alterar uma única palavra: —⁶⁰

E a resposta do aluno foi a seguinte:

53 HEARN, L. *Op. cit.*, 1895.

54 PELTO, J. P. *Iniciação ao estudo da antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p. 15

55 HEARN, L. *Op. cit.*, 1895.

56 *Ibidem*, p. 35.

57 *Ibidem*, p. 38.

58 *Ibidem*, p. 48.

59 *Idem*.

60 *Ibidem*, p. 35.

Do que os homens se lembram por mais tempo? Acho que os homens se lembram por mais tempo daquilo que viram ou ouviram sob circunstâncias dolorosas.

Quando eu tinha apenas quatro anos de idade minha querida mãe morreu. Isso foi em um dia de inverno. O vento soprava forte nas árvores e batia no telhado de nossa casa. Não havia folhas nos galhos das árvores. Codornas assobiavam à distância, — fazendo sons melancólicos. Eu me recordei de algo que fiz.

Como minha mãe estava deitada na cama, — um pouco antes dela morrer, — eu lhe dei uma laranja. Ela sorriu e a pegou, e provou. Essa foi a última vez que ela sorriu ... Do momento em que ela parou de respirar até esse momento mais de dezesseis anos se passaram. Mas para mim foi apenas como um momento. Agora também é inverno. Os ventos que sopravam quando minha mãe morreu sopram como então; as codornas proferem os mesmos sons; todas as coisas são iguais. Mas minha mãe se foi, e jamais retornará novamente.⁶¹

Das respostas da primeira questão Hearn não busca extrair qualquer conclusão de ordem moral, mas percebe peculiaridades no uso da língua inglesa pelos japoneses que parece dar pistas de sua maneira de pensar. O que Hearn percebeu é que os alunos tendiam a preferir palavras e sentenças longas, e a razão disso, segundo o autor, é porque as mais curtas tendiam a ser expressões idiomáticas que trazem por trás de si ideias chave diferentes das correntemente possuídas pelos japoneses.⁶² Hearn chega à conclusão que esse tópico precisaria de uma apreciação mais detalhada da psicologia japonesa para ser explicado,⁶³ mas deixa o problema em aberto, não refletindo mais profundamente sobre ele nesse estudo.

Sobre a segunda questão, baseada no tema “Meu primeiro dia na escola”, Hearn diz o seguinte das redações: “[...] me interessaram bastante de uma outra forma, como revelações de sinceridade de sentimentos e de caráter”.⁶⁴ E sobre a escolha que fez entre essas nos informa que fez uma pequena seleção, cuja “ingenuidade não é o menor charme, — especialmente se levarmos em consideração que não são recordações de meninos”.⁶⁵

Dessas redações Hearn seleciona a seguinte como a que mais lhe chamou a atenção:

61 *Ibidem*, p. 35-36.

62 *Idem*.

63 *Idem*.

64 *Ibidem*, p. 38.

65 HEARN, L. *Out of the east: Reveries and Studies in New Japan*. Boston: Houghton Mifflin and Company, 1895, p. 38.

Eu não pude ir à escola até ter oito anos de idade. Eu tinha implorado a meu pai para me deixar ir, pois todos os meus amigos já estavam na escola; mas ele não deixou, achando que eu não estava forte o bastante. Então eu continuei em casa e brinquei com meu irmão.

Meu irmão me acompanhou até a escola no primeiro dia. Ele falou com o professor, e então me deixou. O professor me levou para uma sala e me mandou sentar em um banco, e então ele também me deixou. Eu me senti triste enquanto estava sentado lá em silêncio: não havia um irmão para brincar comigo agora, — apenas um monte de garotos estranhos. Um sino tocou duas vezes; e um professor entrou em nossa sala de aula, e nos disse para pegarmos nossas lousas. Então ele escreveu um caractere japonês no quadro negro, e nos disse para copiá-lo. Naquele dia ele nos ensinou como escrever duas palavras japonesas, e nos contou uma história sobre um bom garoto. Quando voltei pra casa eu corri até minha mãe, e me ajoelhei ao lado dela para contar o que o professor tinha me ensinado. Oh! Como foi grande o meu prazer. Não posso nem mesmo dizer como me senti, — muito menos escrever. Eu só posso dizer que então eu falei que o professor era um homem de mais conhecimento que meu pai, ou que qualquer um que eu tinha conhecido, — a mais terrível e ainda assim a mais amável pessoa no mundo.⁶⁶

Essa redação, assim como duas outras inteiramente transcritas por Hearn, trata do primeiro dia de estudo de um aluno no sistema escolar que entrou em vigência na Era Meiji, no entanto, entre os alunos de Hearn também estavam presentes estudantes que iniciaram sua vida escolar no final da Era Tokugawa, proporcionando relatos de uma “experiência muito diferente”⁶⁷ como comenta nosso autor.

A seguir transcreveremos a primeira das redações sobre a educação pré-Meiji destacadas por Hearn:

Antes de Meiji não havia no Japão tantas escolas públicas quanto há agora. Mas em cada província havia um tipo de sociedade de estudantes composta por filhos de samurais. A menos que um homem fosse samurai, seu filho não poderia entrar em uma dessas sociedades. Essa [sociedade] estava sob o controle do senhor da província, que apontava o diretor que comandaria os estudantes. O principal estudo dos samurais era a linguagem e a literatura chinesas. A maior parte dos estadistas do presente governo foram estudantes dessas escolas samurai.

Os cidadãos comuns e as pessoas do campo tinham que enviar seus filhos e filhas para escolas primárias chamadas *Terakoya*, onde todo o ensino era usualmente feito por um professor. Esse consistia em pouco mais do que leitura, escrita, cálculo e instrução moral. Nós podíamos aprender a escrever uma carta comum, ou um ensaio simples. Com oito anos de idade eu fui enviado para uma *Terakoya*, por não ser um filho de samurai. No início eu não queria ir, e toda manhã meu avô tinha que me bater com um porrete para me fazer ir. A disciplina na escola era muito severa. Se um menino

66 HEARN, L. *Op. Cit.*, 1895, pp. 38-39.

67 *Ibidem*, p. 41.

não obedecesse, ele apanhava com uma vara de bambu, — sendo segurado para receber sua punição. Depois de um ano, muitas escolas públicas foram abertas: e eu entrei em uma escola pública.⁶⁸

É fácil compreender porque Hearn destacou esse texto, uma vez que ele é muito instrutivo sobre a situação dos estudantes antes da Era Meiji, tendo inclusive o cuidado de diferenciar a situação da nobreza (samurais) e da plebe.

Antes de seguirmos para a análise geral de Hearn sobre os textos referentes à sua segunda questão de pesquisa, cabe esclarecermos alguns pontos tratados pelo aluno na redação acima. Pois bem, apesar do aluno iniciar a redação com a expressão “antes de Meiji”, o seu primeiro dia de aula provavelmente não se deu na Era Tokugawa, e sim no terceiro ano da Era Meiji (1871), uma vez que ao final da redação ele afirma que no ano seguinte muitas escolas públicas foram abertas, sendo essa uma referência ao ano de 1872, no qual se iniciou o moderno sistema educacional japonês, uma vez que a modernização da educação não se deu imediatamente com a Restauração Meiji, continuando nos moldes tradicionais nos primeiros anos do novo governo.⁶⁹

As escolas a que o aluno se refere na redação são primeiramente as *Hanko* (ou *Hangaku*) (Escolas de Domínio), localizadas nos domínios territoriais dos senhores de terra da aristocracia japonesa, que, como explica o texto, eram responsáveis por elas, para garantir a educação aos filhos dos samurais.⁷⁰ Por outro lado as *Terakoya* (Escolas dos Templos), destinadas aos plebeus, eram originalmente localizadas em templos budistas, onde monges ministravam a educação das crianças; mas com o passar dos anos, várias casas de ensino destinadas aos plebeus e administradas por pessoas de diferentes origens sociais (samurais empobrecidos, camponeses letrados, mulheres, etc.) passaram a ser reconhecidas por esse nome, que acabou se tornando sinônimo de escola para plebeus.⁷¹ Além desses dois tipos de escolas também havia nas cidades as *Shijuku* (Escolas Particulares) destinadas à clientela que pudesse pagar por elas (samurais, camponeses abastados, mercadores, etc.) e que em seu currículo somavam características do ensino das *Hangaku* e das *Terakoya*.⁷²

Esclarecidos esses pontos poderemos agora nos voltar para as conclusões de Hearn sobre os textos relativos ao “primeiro dia na escola”, de seus alunos. Sobre esse tópico o autor tece o seguinte comentário:

68 *Ibidem*, p. 41-42.

69 DUKE, B. *Op. cit.*

70 LINCICOME, M. E. *Op. cit.*

71 DUKE, B. *Op. cit.*

72 TOTMAN, C. *Early modern Japan*. Los Angeles: University of California Press, 1993.

Toda essa capacidade dos jovens de retornar com perfeita naturalidade aos sentimentos das cenas de suas infâncias parece para mim essencialmente oriental. No ocidente os homens raramente começam a recordar vividamente as suas infâncias perante a aproximação do outono da vida.⁷³

E a seguir conclui:

As seleções precedentes não deram mais indicações do caráter geral dos estudantes, do que o que poderia ser conseguido por qualquer outro tema de composição, para ilustrar [esses] sentimentos particulares. Exemplos mais complexos de ideias e sentimentos poderiam mostrar variedade de pensamento e não pouca originalidade no método. Mas isso iria requerer mais espaço.⁷⁴

Nas duas considerações acima o autor demonstra que pode perceber sentimentos positivos dos alunos em relação às suas infâncias, embora assuma que as respostas obtidas poderiam ser conseguidas por qualquer outro tema de redação. Assim o autor ainda admite a possibilidade de captar ideias e sentimentos mais complexos, no entanto isso iria requerer mais espaço do que o disponível no ensaio que estava escrevendo. De resto também não há grandes conclusões a serem tiradas dessa segunda questão, cujas respostas apresentaram situações que dadas as devidas diferenças culturais não eram tão diferentes de histórias que poderiam ocorrer na Europa ou na América na mesma época.

A terceira questão no entanto foi mais reveladora. Durante o período das avaliações de verão em 1893, Hearn lançou aos alunos a seguinte questão: “O que é eterno na literatura?”. Dessa vez Hearn não separou textos na íntegra, mas selecionou vinte respostas em trechos nos quais essas aparecem de forma sumária. Assim antes de apresentarmos as conclusões de Hearn sobre esse tópico (às quais ele juntou às do tópico seguinte), exporemos aqui as respostas por ele selecionadas, e ao final comentaremos as que serão particularmente úteis à nossa conclusão.

Essas são as respostas selecionadas; colocadas com a numeração feita por Hearn:

1. “Verdade e eternidade são idênticas: elas completam o círculo, — em chinês, Yen-Man.”
2. “Tudo na vida humana que a conduz de acordo com as leis do universo.”
3. “As vidas dos patriotas, e daqueles que deram puros aforismos ao mundo.”
4. “A piedade filial, e a doutrina de seus professores. Em vão os livros de Confúcio foram queimados durante a dinastia Shin; pois eles são traduzidos hoje em todas as línguas do mundo civilizado.”
5. “Ética e verdade científica.”

73 HEARN, L. *Op. cit.*, 1895. p. 46.

74 *Ibidem*, p. 48.

6. “Tanto o mal quanto o bem são eternos, disse um sábio chinês. Nós devemos ler apenas aquilo que é bom.”
7. “Os grandes pensamentos e ideias de nossos ancestrais.”
8. “Por milhares de milhões de séculos a verdade é a verdade.”
9. “As ideias de certo e errado sobre as quais todas as escolas de ética concordam.”
10. “Livros que com exatidão explicam o fenômeno do universo.”
11. “A consciência por si só é imutável. Em consequência livros sobre ética baseados na consciência são eternos.”
12. “Razões para nobres atos: essas permanecem imutáveis ao longo do tempo.”
13. “Livros escritos sob os melhores meios morais de conceder a maior felicidade possível, para o maior número possível de pessoas, — ou seja, para a humanidade.”
14. “O Gokyo (os Cinco Grandes Clássicos Chineses).”
15. “Os livros sagrados da China, e os budistas.”
16. “Tudo aquilo que ensina o certo e o puro caminho da conduta humana.”
17. “A história de Kusunoki Masashige, que jurou renascer sete vezes para lutar contra os inimigos de seu soberano.”
18. “O sentimento moral, sem o qual o mundo seria apenas um enorme torrão de terra, e todos os livros papel desperdiçado.”
19. “O Tao Te Ching.”
20. O mesmo que o 19, mas com o seguinte comentário. “Ele que lê aquilo que é eterno, *sua alma deve pairar eternamente no universo*”⁷⁵

Nesse tópico, em que Hearn continuou suas observações através da constatação das impressões dos estudantes sobre histórias ocidentais marcadas por valores culturais correspondentes, discussões essas em que o autor identificou “sentimentos particularmente orientais”⁷⁶ sendo expostos a todo o momento, sem dúvida exatamente as reações que ele esperava encontrar e analisar.

Sobre as histórias contadas aos alunos (cujos títulos foram colocados em suas versões brasileiras quando existentes, e no original quando não existentes), Hearn inicialmente relata o seguinte:

Eu contei a eles muitos mitos gregos, entre os quais o de Édipo e a Esfinge, buscando especialmente agradá-los, em função de sua moral oculta; e o mito de Orfeu, com todas as suas lendas musicais, não foi interessante para eles. Também contei a eles uma variedade de nossas mais famosas histórias modernas. O maravilhoso conto “A Filha de Rappaccini” [escrito por Nathaniel Hawthorne] os agradou muito, e o espírito de Hawthorne não encontrou nenhum prazer fantasmagórico na interpretação que fizeram dele. “Monos and Daimonos” [escrito por Edward Bulwer-Lytton] foi bem recebida, e o magnífico fragmento de Poe, “Silêncio” foi apreciado depois de uma agitação que

75 *Ibidem*, p. 49-51.

76 *Ibidem*, p. 51.

me surpreendeu. Por outro lado a história de “Frankenstein” os impressionou muito pouco. Ninguém a levou a sério.⁷⁷

A recepção dos alunos ao conteúdo essencial da obra prima de Mary Shelley certamente causou um interesse especial a Hearn, que teceu um comentário específico sobre tal reação:

Para as mentes ocidentais o conto sempre contém um horror peculiar, em função do choque que dá aos sentimentos envolvidos sob influência de ideias hebraicas a respeito da origem da vida, a tremenda marca das proibições divinas, e os terríveis castigos destinados àqueles que fazem se romper o véu dos segredos da natureza, ou zombam, mesmo inconscientemente, do trabalho de um criador ciumento. Mas a mente oriental, não assombrada por essa fé impiedosa, — não sentindo distância entre os deuses e os homens, — que concebe a vida como um todo multiforme, regido por uma lei uniforme que dá as conseqüências de cada ato a forma de uma punição ou de uma recompensa, — o horror da história não tem apelo. A maioria das críticas escritas me mostrava que ela era geralmente tomada como uma parábola cômica ou semicômica.⁷⁸

A seguir, Hearn afirma:

Depois de tudo isso eu estava bastante intrigado pela requisição [dos alunos] de uma “história moral realmente forte em estilo ocidental”.

Então subitamente decidi — mesmo sabendo que estava prestes a me aventurar em terreno proibido — tentar o efeito total de uma certa lenda arturiana, que eu senti que certamente seria criticada com vigor. A moral é certamente mais do que “realmente forte”; e por essa razão eu estava curioso para ouvir o resultado.

Então contei a eles a história de Sir Bors, que está no décimo sexto livro de Sir Thomas Mallory “A Morte de Artur” — “no qual Sir Bors encontra seu irmão, Sir Lionel subjugado e açoitado com espinhos, — e de uma dama que havia sido desonrada, — e de como Sir Bors deixou seu irmão para resgatar a donzela, — e de como ele recebeu a notícia de que Lionel estava morto”. Mas não tentei explicar a eles o idealismo cavalheiresco retratado na bela e antiga fábula, pois eu queria ouvir seus comentários, à sua própria maneira oriental, sobre os fatos da narrativa.⁷⁹

Assim após ouvirem a história os alunos expuseram suas impressões, sendo que as primeiras relatadas por Hearn descrevem o conto como “contrário a todas as religiões, e

77 *Ibidem*, p. 51-52.

78 *Ibidem*, p. 52.

79 *Ibidem*, p. 52-53.

contrário à moral de todos os países”,⁸⁰ ou ainda como “certamente imoral”⁸¹ por atentar contra todos os princípios da lealdade, que devemos lembrar é uma das virtudes centrais do confucionismo, e uma das características morais as quais o governo pretendia incentivar a prática pela população. Contudo entre essas respostas vale a pena transcrever aqui um diálogo relatado por Hearn entre ele e alguns de seus alunos no decorrer dessa discussão:

“Essa é uma história horrível,” disse Ando. “A filantropia em si é apenas uma expansão do amor fraternal. O homem que abandona seu próprio irmão para a morte meramente para salvar uma mulher estranha é um homem imoral. Talvez ele estivesse influenciado pela paixão”.

“Não”, eu disse: você se esqueceu que eu lhe disse [em um momento anterior da discussão] que não havia egoísmo nessa ação, — que isso deve ser interpretado como heroísmo”.

“Eu acho que a explicação da história deve ser religiosa”, disse Yasukoshi. “Isso parece estranho pra nós; mas isso deve ser porque não entendemos as ideias ocidentais muito bem. Certamente abandonar o próprio irmão para salvar uma mulher estranha é contrário a todo o nosso conhecimento sobre o que é certo. Mas se esse cavaleiro era um homem de coração puro, ele deve ter se imaginado a fazer isso por causa de alguma promessa ou algum dever. Mesmo que isso deva ter parecido para ele uma coisa muito dolorosa e infame de se fazer, e ele não podia ter feito isso sem sentir que estava agindo contra os ensinamentos de seu coração”.

“Você está certo”, eu respondi. “Mas você também deve saber que o sentimento obedecido por Sir Bors ainda influencia a conduta de homens bravos e nobres no ocidente, — mesmo os homens que não podem ser chamados de religiosos no sentido comum dessa palavra”.

“Ainda achamos que é um sentimento muito ruim”, disse Iwai; e nós deveríamos ouvir outra história sobre outro tipo de sociedade”.⁸²

Então Hearn decidiu contá-los a “imortal história de Alceste”,⁸³ mito grego convertido em tragédia por Eurípedes, no qual o rei Admeto conseguiu das parcas o direito de ser substituído por outra pessoa no dia de sua morte, mas que no dia fatal não conseguia nenhum voluntário para o sacrifício, nem mesmo seu velho pai, com quem esperava poder contar para isso; e teria terminado seus dias se sua esposa Alceste não tivesse se oferecido para morrer em seu lugar. No entanto, ao final da história, Alceste é salva da morte por Hércules (Hércules) que havia pedido pousada na casa de Admeto naquele dia.⁸⁴ Sobre a recepção ao conto, Hearn tece o seguinte comentário:

80 *Ibidem*, p. 54.

81 *Idem*.

82 *Ibidem*, p. 54-55.

83 *Ibidem*, p. 56.

84 MENÁRD, R. *Mitologia greco-romana*. São Paulo: Opus Editora, 1991. v.1.

Eu pensei no momento que o personagem Héracles nesse divino drama teria um charme particular para eles. Mas os comentários provaram que eu estava enganado. Ninguém sequer se referiu a Héracles.

De fato eu devo lembrar que nossos ideais de heroísmo, força de propósito e menosprezo pela morte, não tem prontamente apelo à juventude japonesa. E isso pela razão de que nenhum cavaleiro japonês considera essas qualidades como excepcionais. De fato eles consideram o heroísmo uma questão, — uma coisa pertencente à masculinidade e inseparável desta. Eles diriam que uma mulher poderia ficar com medo sem se envergonhar, mas nunca um homem. Assim, como uma mera idealização da força física, Héracles interessaria os orientais muito pouco: a própria mitologia deles abunda com personificações de força, além disso; destreza, astúcia e rapidez são muito mais admiradas pelos japoneses do que a força. Nenhum menino japonês desejaria sinceramente ser como o gigante Benkei; mas Yoshitune, o esbelto e ágil conquistador e mestre de Benkei, permanece como um perfeito ideal de cavaleirismo caro aos corações de todos os jovens japoneses.⁸⁵

Após esse relato Hearn passa para a descrição dos comentários dos alunos; que foram os seguintes:

Kamekawa disse: —

“A história de Alceste, ou pelo menos a história de Admeto, é uma história de covardia, deslealdade e imoralidade. A conduta de Admeto foi abominável. Sua esposa era de fato nobre e virtuosa, — uma esposa boa demais para um homem tão sem-vergonha. Eu não acredito que o pai de Admeto não iria querer morrer por seu filho se ele [o filho] fosse valoroso. Eu acho que ele alegremente morreria por seu filho se não fosse o desgosto com a covardia de Admeto. E quão desleais os súditos de Admeto eram! No momento que ouviram que o rei estava em perigo eles deveriam ter irrompido ao palácio e humildemente implorar para que tivessem a permissão de morrer em seu lugar. Por mais cruel ou covarde que ele tenha sido, esse era o dever deles. Eles eram súditos dele. Viviam por seu bem. Ainda assim o quão desleais eles foram! Um país habitado por um povo tão desavergonhado logo iria à ruína. De fato, como a história sugere, ‘é bom viver’. Quem não ama viver? Mas nenhum homem bravo, — e nenhum homem leal também — deveria pensar tanto sobre sua vida quando o dever requere que ele a dê.”

“Mas,” disse Midzuguchi, que havia se juntado a nós um pouco atrasado para ouvir o começo da narrativa, “talvez Admeto tenha atuado por piedade filial. Se eu fosse Admeto, e não tivesse encontrado nenhum entre meus súditos que quisesse morrer por mim, eu teria dito a minha esposa: ‘Querida esposa, eu não posso deixar meu pai sozinho agora, porque ele não tem outro filho, e seus netos são ainda jovens demais para serem úteis para ele. Portanto, se você me ama, por favor morra no meu lugar.’”

“Você não entendeu a história,” disse Yasukochi. “Piedade filial não existe em Admeto. Ele desejava que seu pai morresse por ele.”

“Ah!” exclamou o apologista com verdadeira surpresa, — “essa não é uma boa história professor!”

85 HEARN, L. *Op. cit.*, 1895. p. 56.

“Admeto,” declarou Kawabuchi, “era tudo que há de ruim. Ele era um covarde detestável, porque tinha medo de morrer; ele era um tirano; porque queria que seus súditos morressem por ele; ele era um filho não filial, porque queria que seu velho pai morresse em seu lugar; e ele era um péssimo marido, porque pediu que sua esposa — uma mulher frágil e com crianças pequenas — para fazer aquilo que *ele* estava com medo de fazer como homem. O que poderia ser mais vil que Admeto?”

“Mas Alceste,” disse Iwai, — “Alceste era tudo o que há de melhor, — mesmo como o próprio Buda [*Shaka*]. Mesmo sendo muito jovem. Como era verdadeira e brava! A beleza de sua face poderia perecer como uma flor de primavera, mas a beleza de seu ato deve ser lembrada através dos tempos e por milhares de anos. Pela eternidade sua alma irá pairar no universo. Ela agora não tem forma, mas mesmo sem forma ela nos ensina mais amavelmente que o mais amável de nossos professores vivos, — [assim como] as almas de todos aqueles que foram puros, bravos e de ações sábias.”

“A esposa de Admeto,” disse Kumamoto, inclinado à austeridade em seus julgamentos, “foi simplesmente obediente. Ela não estava inteiramente sem culpa. Pois, antes de sua morte, era seu dever de maior importância ter severamente repreendido seu marido por sua tolice. E ela não fez isso, — pelo menos não na versão da história que nosso professor nos contou.”

“Porque os ocidentais acham essa história bonita,” disse Zaitu, “é difícil para nós entender”. Há muito nela que nos enche de raiva. Alguns de nós não pudemos evitar pensar em nossos pais enquanto ouvíamos essa história. Antes da revolução de Meiji, por um tempo, houve muito sofrimento. Nossos pais talvez tenham frequentemente passado fome; ainda assim nós sempre tivemos comida. Às vezes eles quase não tinham dinheiro para viver; e ainda assim nós fomos educados. Quando nós pensamos o quanto custou a eles para nos educar, de todos os problemas que tiveram para nos trazer até aqui, todo amor que nos deram, e todo sofrimento que causamos a eles em nossa tola infantilidade, então nós pensamos que nós nunca, nunca faremos o bastante por eles. E por isso nós não gostamos da história de Admeto”.⁸⁶

Esse foi o último comentário proferido antes da corneta tocar anunciando o recesso,⁸⁷ o que também marcou o fim dessa pequena etapa da pesquisa de Hearn.

O ensaio aqui analisado foi apenas uma pequena etapa da longa pesquisa que Hearn empreendeu sobre a cultura japonesa, e os dados e conclusões nele contidos correspondem apenas ao que o autor tinha no quinto ano desse esforço, em uma empreitada que tomou os quatorze últimos anos de sua vida, e que apenas perto do final desta teve alguma segurança para publicar um livro com interpretações e conclusões gerais (*Japan: An Attempt at Interpretation*) publicado postumamente e que, como sugere seu próprio título, era apenas uma humilde tentativa de interpretação, sem a ambição de estabelecer conclusões definitivas sobre o tema. Por essa razão Hearn não nos oferece uma conclusão final sobre essa experiência ao término do ensaio, este era apenas uma etapa, e não um ponto de chegada. Por isso, nesse

⁸⁶ *Ibidem*, p. 57-60.

⁸⁷ *Idem*.

ponto o leitor teria que se contentar com as breves conclusões parciais por ele expostas e que aqui foram reproduzidas.

Contudo podemos fazer aqui uma observação final sobre os últimos argumentos dos alunos que o autor relatou, mais especificamente no que diz respeito aos vinte pontos listados como o âmago de respostas à questão “O que é eterno na literatura?” e às observações em relação aos contos da Morte de Artur e de Alceste.

Os argumentos dos alunos expõe bem o momento histórico pelo qual o Japão passava na década de 1890, sobretudo em uma paragem com a predominância de valores conservadores como Kyushu. Os argumentos dos alunos tanto em relação ao que seria eterno na literatura, quanto suas reações aos contos narrados por Hearn mostram uma forte presença do ideário confucionista pregado pelo governo nas escolas, notável por respostas que levantavam pontos como a ética, a piedade filial (obrigação da reverência e obediência aos hierarquicamente superiores, como os pais, os chefes, o Imperador, etc.)⁸⁸ e os valores dos ancestrais; assim como a ênfase à lealdade (que no confucionismo pode ser entendida em sua forma mais sumária como o “dar-se completamente” a alguém ou a uma causa)⁸⁹ à família e ao soberano perceptível em suas críticas as atitudes de Sir Bors e do rei Admeto. Na verdade podemos afirmar que os pontos principais perceptíveis nesses argumentos são dois, a piedade filial e a lealdade ao soberano, dois dos pontos mais enfatizados pelo sistema de educação vigente, como já foi demonstrado anteriormente. Outro ponto também notável, embora menos perceptível que os anteriores, é o nacionalismo, que também era cultivado, e que aparece nas expressões “As vidas dos patriotas” e “A história de Kusunoki Masashige” (o lendário samurai que teria se sacrificado pelo Imperador no século XIV, cuja história era invocada tanto como exemplo de lealdade quanto de patriotismo).⁹⁰ No entanto, também podemos ver influências do moderno racionalismo ocidental em expressões como “verdade científica” e “livros que com exatidão explicam o fenômeno do universo”.

Assim, o ensaio de Hearn não relata apenas uma etapa de sua pesquisa, mas é também um valioso documento sobre o modo de pensar de uma parcela dos jovens japoneses em meados da década de 1890 e do alcance que o programa educacional do governo Meiji tinha sobre suas maneiras de ver o mundo.

88 ELIADE, M.; COULIANO, I, P. *Dicionário das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

89 TAYLOR, R. L.; CHOY, H. Y. F. *The illustrated encyclopedia of Confucianism*. Nova York: The Rosen Publishing Group, 2005. v.I.

90 OHNUKI-TIERNEY, E. *Kamikaze, cherry blossoms, and nationalisms: the militarization of aesthetics in Japanese history*. Chicago: The University of Chicago Press, 2002.

Referências bibliográficas

- BRONNER, S. J. “Introduction: Lafcadio Hearn’s America”. In: BRONNER, S. J. *Lafcadio Hearn’s America: ethnographic sketches and editorials*. Lexington: The University Press of Kentucky, 2002.
- DUKE, B. *The history of modern Japanese education: constructing the national school system, 1872-1890*. Nova Jersey: Rutgers University Press, 2009.
- ELIADE, M.; COULIANO, I. P. *Dicionário das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GLUCK, C. “Japan’s modernities”. In: EMBREE, A. T.; GLUCK, C. *Asia in Western and world history*. Nova York: ME Sharpe, 1997.
- GORDON, A. *A modern history of Japan: from Tokugawa times to the present*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- GUTTMAN, A.; THOMPSON, L. *Japanese sports: a history*. Honolulu: University of Hawai’i Press, 2001.
- HEARN, L. *Glimpses of unfamiliar Japan*. Boston: Houghton Mifflin and Company, 1894. v.1.
- _____. *Glimpses of unfamiliar Japan*. Boston: Houghton Mifflin and Company, 1894. v.2.
- _____. *Out of the east: reveries and studies in New Japan*. Boston: Houghton Mifflin and Company, 1895.
- _____. “To Basil Hall Chamberlain: Matsue, january, 1891”. In: BISLAND, E. *Life and letters of Lafcadio Hearn*. Boston: Houghton Mifflin and Company, 1906. v.2.
- _____. “To Sentaro Nishida: Kumamoto, 1891”. In: BISLAND, E. *Life and letters of Lafcadio Hearn*. Boston: Houghton Mifflin and Company, 1906. v.2.
- _____. “To Ellwood Hendrick: Matsue, october, 1891”. In: BISLAND, E. *Life and letters of Lafcadio Hearn*. Boston: Houghton Mifflin and Company, 1906. v.2.
- _____. “To Basil Hall Chamberlain: Kumamoto, november, 1891”. In: BISLAND, E. *Life and letters of Lafcadio Hearn*. Boston: Houghton Mifflin and Company, 1906. v.2.
- _____. “To Masanobu Otani: Kumamoto, november, 1891”. In: BISLAND, E. *Life and letters of Lafcadio Hearn*. Boston: Houghton Mifflin and Company, 1906. v.2.
- _____. “To Sentaro Nishida: Kumamoto, december, 1891”. In: BISLAND, E. *Life and letters of Lafcadio Hearn*. Boston: Houghton Mifflin and Company, 1906. v.2.

- _____. *Kokoro: hints and echoes of Japanese inner life*. Londres: Gay and Hancock, 1910.
- _____. *Kwaidan: stories and studies of strange things*. Boston: Houghton Mifflin and Company, 1911.
- _____. *Kwaidan: assombrações*. São Paulo: Claridade, 2007.
- _____. *Kwaidan: contos do sobrenatural*. São Paulo: NSP, 2014.
- HENSHALL, K. *História do Japão*. Lisboa: Edições 70, 2008.
- KENNARD, N. H. *Lafcadio Hearn*. Nova York: D. Appleton and Company, 1912.
- KOLIOPOULOS, J. S.; VEREMIS, T. M. *Modern Greece: a history since 1821*. Chichester: Wiley-Blackwell, 2010.
- KUMAR, K. *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- KUNIYOSHI, C. *Imagens do Japão: uma utopia de viajantes*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.
- LINCICOME, M. E. *Principle, praxis, and the politics of educational reform in Meiji Japan*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 1995.
- MARTINS, N. O. *Kaidan – narrativas do sobrenatural: um estudo a partir da obra Kwaidan de Lafcadio Hearn*. 2012. 148 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- MCWILLIAMS, V. *Lafcadio Hearn*. Boston: Houghton Mifflin CO, 1946.
- MENÁRD, R. *Mitologia greco-romana*. São Paulo: Opus Editora, 1991. v.I.
- OGUMA, E. *Genealogy of Japanese self-images*. Melbourne: Trans Pacific Press, 2002.
- OHNUKI-TIERNEY, E. *Kamikaze, cherry blossoms, and nationalism's: the militarization of aesthetics in Japanese history*. Chicago: The University of Chicago Press, 2002.
- PALLARES-BURKE, M. L. G. *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*. São Paulo: UNESP, 2005.
- _____. “Gilberto Freyre: um nordestino vitoriano”. In. KOSMINSKY, E. V.; LÉPINE, C.; PEIXOTO, F. A. *Gilberto Freyre em quatro tempos*. Bauru: EDUSC, 2003.
- PELTO, P. J. *Iniciação ao estudo da antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- SANSOM, G. *The Western world and Japan: a study in the interaction of European and Asiatic cultures*. Nova York: Alfred A. Knopf, 1951.

R E V I S T A A N G E L U S N O V U S

SHUN, I. "The invention of the martial arts: Kano Jigoro and Kodokan Judo". In. VLASTOS, S. *Mirror of modernity: invented traditions of modern Japan*. Berkeley: University of California Press, 1998.

TAYLOR, R. L.; CHOY, H. Y. F. *The illustrated encyclopedia of Confucianism*. Nova York: The Rosen Publishing Group, 2005. v.I.

TOTMAN, C. *Early modern Japan*. Los Angeles: University of California Press, 1993.